

As Relações Verbais Elementares e o Processo Autoclítico¹

The Elementary Verbal Relations and the Autoclitic Process

Elizeu Borloti²

Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo

Em *Verbal Behavior*, Skinner definiu comportamento verbal como aquele que modifica o ambiente pela ação de outras pessoas. A partir da análise das interações do falante com o ambiente e com o ouvinte, ele classificou as relações verbais elementares - *mando, tato, intraverbal, textual, ecóico e transcritivo* - sobre as quais atuam os processos verbais de segunda ordem - os *autoclíticos*. O artigo é didático e tem como objetivo definir e servir de instrução para uma classificação funcional dessas relações, ilustrando a classificação das unidades autoclíticas *descritivas, qualificadoras, quantificadoras, manipulativas, relacionais* e de *composição* a partir de dados empíricos obtidos da gravação de uma conversa entre estudantes sobre o tema polêmico "adoção de crianças por casais homossexuais".

Palavras-chave: relações verbais elementares, processos autoclíticos

Abstract

In *Verbal Behavior*, Skinner defined verbal behavior as behavior that modifies the environment by other people's action. From the analysis of speaker's interaction with the environment and the listener, he classified the elementary verbal relations - *mand, tact, intraverbal, textual, echoic and transcriptive* - on which the second order verbal processes act - the *autoclitic* process. The article is a didactic one and it has the objective of defining and serving of instruction in order to make a functional classification of those relations, by illustrating the classification of *descriptive, qualifying, quantifying, manipulative, relational*, and of *composition* autoclitics unities from empirical data got from record of conversation among students about the polemic topic "adoption of children by homosexual couples".

Key words: elementary verbal relations, autoclitic processes

¹Este artigo faz referência à pesquisa "Análise Comportamental do Discurso", realizada pelo autor e pelas alunas de Iniciação Científica Camila Mattedi Dalvi, Renata Danielle Moreira Silva e Alexandra Iglesias, da UFES, às quais o autor agradece. A pesquisa analisou a transcrição de uma conversa em grupo focal, entre alunos de Psicologia e entre alunos de Ciências Sociais e um mediador, sobre o tema "adoção de crianças por casais homossexuais". Algumas das questões de estudo, ao final, foram inspiradas nos estudos dirigidos de um curso ministrado por Julie S. Vargas e Ernest Vargas, a quem o autor agradece.

²Endereço para Correspondência: E-mail: borloti@hotmail.com

Os termos do repertório verbal de analistas do comportamento são produtos de discriminações de eventos ou propriedades do comportamento dos organismos, sob controle primordial da função do comportamento. Uma classe funcional de operantes é definida pela observação do que os operantes fazem e não apenas pela descrição de sua composição ou aparência (Baum, 1999). Esse uso de termos é válido também para os operantes verbais: classes de ações (eventos ou propriedades de eventos) verbais que produzem os mesmos efeitos sobre o ouvinte.

Ao falar sobre o comportamento verbal, em seu livro *Verbal Behavior*, Skinner (1957) discriminou propriedades específicas do fenômeno que justificaram o tratamento especial dispensado a elas. Nesse livro, ele usou termos originais que modificaram o estudo da linguagem por considerarem propriedades diversas do comportamento verbal, do seu estímulo discriminativo antecedente, da sua audiência e dos estímulos reforçadores providos por ela.

Alguns desses termos categorizam respostas verbais de acordo com os processos básicos que contribuem para sua emissão; por exemplo, o termo *tato* captura o papel do estímulo discriminativo no controle da resposta verbal. Outros tomam em consideração as características topo-gráficas; por exemplo, os comportamentos *ecóico* e *textual* são distinguidos quando o estímulo relevante for auditivo ou visual (Catania, 1998, p. 405).

Uma propriedade importante do comportamento verbal é a sua causalidade múltipla. Ao escrever este artigo, por exemplo, meu comportamento é determinado conjuntamente por estímulos discriminativos (os do texto produzido na tela do computador como consequência imediata do digitar), por respostas verbais anteriores (venho lendo sobre comportamento verbal nos últimos cinco anos), possíveis consequências reforçadoras ou aversivas e a minha condição de motivação em função delas, as características da audiência à qual se destina este texto e os efeitos que eu espero produzir na audiência (possivelmente alunos de graduação, já que

este é um artigo didático). Portanto, este texto pode ser considerado como o efeito conjunto de tatos, intraverbais, mandos, audiência e autoclíticos em meu repertório. Vejamos, então, do que estou falando e, especialmente, o que é o processo autoclítico.

Meu objetivo neste artigo é, primeiro, definir comportamento verbal e definir as relações verbais elementares a partir das suas variáveis controladoras e, segundo, definir o processo autoclítico, sintetizando os tipos descritos por Skinner (1957), considerando a sua função em relação aos operantes elementares. Os tipos de autoclíticos poderão ser compreendidos a partir de dados obtidos da interação de falantes e ouvintes em uma discussão sobre o tema polêmico “adoção de crianças por casais homossexuais”. Portanto, o pressuposto na coleta dos dados apresentados adiante é que os autoclíticos são mais bem arranjados quando o tema é polêmico e a afirmação de opiniões é feita para um convencimento da audiência (Terrell e Johnston, 1989; Guerin, 1994; Borloti, 2004).

Definição de comportamento verbal

O assunto comportamento verbal é complexo e o texto de Skinner (1957) foi julgado difícil (Day, 1980), sofisticado e com uma certa dose de “esnobismo intelectual” (Neimark, 1960). Entretanto, há alguns artigos didáticos de pesquisadores brasileiros falando sobre o assunto de forma fácil e objetiva (Barros, 2003; Passos, 2003; Ribeiro, 2004) de modo que, neste ponto, a definição do comportamento verbal é apenas retomada, seguindo os adendos do glossário de termos de Catania (1998) que define as relações verbais.

Dentre outras classificações básicas, o repertório humano operante pode ser dividido em não-verbal e verbal (Skinner, 1957). Ambas as respostas podem ser explicadas pela descrição das condições sob as quais elas produzem consequências ou pela probabilidade condicional que as relaciona com outros eventos.

Os comportamentos não-verbais operam dire-

tamente sobre o ambiente, produzindo conseqüências; suas propriedades ou dimensões são relacionadas aos seus efeitos mecânicos produzidos em contingências mantidas pelo ambiente físico: caminhar em direção a um objeto produz aproximação ao objeto que, por sua vez, aumenta a probabilidade de pegar o objeto, produzindo o contato com o mesmo, e assim por diante.

Os comportamentos verbais também alteram o ambiente e são modificados por essa alteração; porém de um modo diferente. As conseqüências contingentes dos operantes verbais *não mantêm relações mecânicas diretas com os mesmos*. O operante verbal age indiretamente sobre o ambiente físico já que seu principal efeito é sobre um ouvinte: pedir que tragam um objeto produz, como primeiro efeito, ondas sonoras no ar, mas o principal efeito a obtenção do (ou o contato com o) objeto só é obtido pela mediação de uma outra pessoa. Essa pessoa precisa ser especialmente treinada para reforçar o comportamento verbal do falante pelo contato com o objeto, ouvindo (ou lendo) e compreendendo (Skinner, 1957; Parrot, 1984).

Por essa razão, comportamento verbal é um operante social. Difere do comportamento social em geral no sentido em que a mediação de outras pessoas é de uma forma que foi *“precisamente condicionada [por uma cultura verbal] com o intuito de reforçar o comportamento do falante”* (Skinner, 1957, p. 225). Assim, ao estudar o comportamento verbal, o analista de comportamento focaliza atenção no repertório verbalizador e conseqüenciador e no como a interação entre esses repertórios configura as práticas verbais de uma comunidade. (Os termos genéricos *falante* e *ouvinte* definem repertórios que podem ser emitidos por pessoas diferentes ou pela mesma pessoa; o falante é o verbalizador e o ouvinte é o conseqüenciador, Vargas, 1991). Segundo Catania (1998; retomando Skinner, 1957), essas unidades funcionais sempre envolvem *“palavras”*, sejam elas faladas, escritas, gestualizadas, cantadas ou tocadas (música); e seus

determinantes devem ser buscados nas interações ou relações verbais entre falantes, ouvintes e contexto do ambiente físico e social. A partir da análise dessas interações, é possível classificar as relações verbais elementares - *mando, tato, intraverbal, textual, ecóico e transcrito* - sobre as quais atuam os processos autoclíticos. Michael (1982) e Vargas (1986) propuseram novos termos na taxonomia original de Skinner. Acrescentaram os termos *extraverbal, sequélice, códice, dúplice, identigráfico* e *mimético* sem, contudo, modificar a essência da proposta skinneriana. Por esta razão, este artigo usará apenas os termos da classificação de Skinner. O texto a seguir poderá servir de instrução para uma classificação funcional dessas relações.

As relações verbais de ordem básica ou elementar: mando, tato, intraverbal, textual, ecóico e transcrito

Os operantes verbais ocorrem num contexto formado por elementos do ambiente: objetos, eventos ou acontecimentos (ou propriedades de), que incluem *“coisas”*, palavras faladas, ouvidas ou lidas (ou vistas), comportamentos do ouvinte (ou leitor) e conseqüências reforçadoras específicas ou generalizadas providas pela mediação do ouvinte. Objetos, eventos ou acontecimentos incluem uma infinidade de coisas, animais, plantas, pessoas, partes do próprio corpo ou do corpo de outros, sentimentos, pensamentos, comportamentos, situações, contextos ou suas propriedades tais como cor, tamanho, textura, velocidade, movimento, etc. De fato, *“nós podemos tatear objetos inanimados, coisas vivas, atividades, relações entre estímulos e inúmeras outras características do ambiente”* (Catania, 1998, p. 427).

Com exceção do mando, que é reforçado especificamente pelo objeto ou acontecimento especificado no mando (*“Traga água”* é reforçado pela água trazida por alguém), todos os demais são mantidos por reforço generalizado. *“O reforço generalizado é a chave do*

sucesso dos discursos práticos e científicos” (Skinner, 1957, p. 147). A atenção e a consideração de ouvintes específicos (os pais de uma criança, por exemplo) durante o condicionamento verbal inicial passam a ser conseqüências generalizadas para o encadear corretamente as palavras, manter correspondências em uma situação de estímulo (ler, repetir ou copiar corretamente, por exemplo), falar o que e como vale a pena falar, variando temas e assuntos em diferentes grupos de pessoas, e assim por diante. O reforço específico ou não generalizado inclui a obtenção de um objeto, por exemplo, mas inclui também outros efeitos sobre o ouvinte, tais como a compreensão, a crença, a informação e a emoção.

Esta visão contextualística informa que a classificação efetiva de um operante verbal deve observar as circunstâncias sob as quais ele é emitido. O *significado*, ou a função da palavra, está nas circunstâncias atuais que controlam a resposta e na história do falante de exposição a contingências semelhantes. Um primeiro aspecto dessas circunstâncias são as situações antecedentes ao comportamento verbal. Para entendê-las, considere os seguintes exemplos de relações verbais elementares e as circunstâncias nas quais foram emitidas.

- 1) Dizer “Silêncio” (ou fazer um bico com os lábios e colocar o dedo indicador entre os lábios) diante de barulho produzido por alguém.

Para analisar este exemplo, lembre-se que as situações antecedentes exercem dois tipos diferentes de controle sobre as relações verbais elementares. Uma vez observada a emissão do operante verbal no exemplo “silêncio” (falado ou gestualizado) - pergunte se as condições antecedentes são do tipo operação esta-belecedora (Michael, 1988) ou estímulo discrimi-nativo. Se há uma operação estabelecida antecedente (de privação ou

de estimulação aversiva), tem-se um *mando*; se há um estímulo discriminativo não-verbal ou verbal, tem-se uma ou outra das demais relações (ver os demais itens abaixo).

Neste caso, o controle antecedente mais evidente é a aversividade do barulho e, portanto, o operante “silêncio” pode ser classificado como um mando. Um *mando* é “uma resposta verbal que especifica o seu reforçador” (Catania, 1998, p. 419) e esta relação específica entre a resposta e o seu reforçador é dependente de operações estabelecidas relevantes, de privação ou de estimulação aversiva (Skinner, 1957, p. 35-36).

Exemplos de mando explícitos incluem pedidos, ordens e conselhos ou, em termos gramaticais, o modo imperativo; mas somente uma análise funcional de antecedentes e conseqüentes poderá explicitar a função de mando de palavras que aparentemente não são pedidos, tais como “obrigado”, “corre”, “fogo” ou “eu”. A análise da função de outras variáveis do contexto também poderá explicitar o controle único ou múltiplo sobre um operante verbal que parece um mando. Por exemplo, um mando pode ocorrer na presença ou ausência do reforçador especificado por ele. Se ocorrer na presença do objeto reforçador, este objeto pode funcionar como estímulo discriminativo e, nesse caso, a classificação da resposta como um mando é ambígua. No exemplo de Catania (1998), uma criança faminta que diz “leite” na presença da caixa de leite pode ter seu comportamento controlado tanto pela condição de privação do leite quanto pela caixa de leite como estímulo discriminativo. Nesse caso, outra relação verbal estará operando.

- 2) Dizer “Livro” diante de um livro ou dizer “medo” diante de uma sensação corporal.

Para classificar estes exemplos, note que a situação antecedente é do tipo estímulo discrimi-nativo. Pergunte se tal situação é não-verbal ou verbal. Note que há um discrimi-

minativo não-verbal presente em ambos os exemplos (um objeto e um evento privado). Por essa razão, é possível classificar estes exemplos como *tatos*; se os estímulos discriminativos fossem verbais, outras relações estariam operando (ver itens abaixo).

Em termos conceituais, um *tato* é uma resposta discriminativa verbal que ocorre na presença de um (ou logo após um) estímulo controle discriminativo não-verbal, que pode ser um objeto, um evento ou acontecimento, ou propriedades de objetos, eventos ou acontecimentos (por exemplo, a intensidade de uma emoção de medo ou a velhice e o valor de um livro). Dessa forma, o comportamento verbal faz contato com os eventos do ambiente. A necessidade da presença do estímulo torna o *tato* diferente do nomear ou do fazer referência; e é a presença do objeto que torna possível a relação de *tato*. Assim, “um objeto ausente pode ser nomeado, mas não *tateado*” (Catania, 1998, p. 427) isto porque a ausência do estímulo controle da relação de *tato* impede que a relação seja estabelecida (Skinner, 1957, p. 105).

De novo, os exemplos óbvios de *tatos* incluem o “nome das coisas” ou, em termos gramaticais, os substantivos, mas somente uma análise funcional de antecedentes poderá dizer se uma dada propriedade-estímulo está sendo especificada por uma relação de *tato* como em *corre, brinca, fogo ou eu*.

- 3) Escrever “5” diante da frase escrita “ $3+2=$ ___”, dizer “mamíferos” diante das palavras faladas “baleia e gato”.

Diferente das relações verbais exemplificadas antes, estes exemplos ilustram novas relações de controle sobre os operantes verbais. Se a situação antecedente for um estímulo discriminativo verbal (palavra escrita, falada, gestualizada), pergunte se há correspondência ponto-a-ponto entre o estímulo verbal e a resposta verbal, ou seja, se partes (vocaís, escritas ou gestualizadas) do estímulo correspondem a partes da resposta. Nos

exemplos acima, falta essa correspondência, ou seja, a resposta escrita “5” não encontra correspondente no estímulo escrito “ $3+2=$ ___”. Por essa razão esta resposta é um *intraverbal*. Tanto outra pessoa quanto o falante pode prover o estímulo discriminativo para o *intraverbal*. Na fala continuada (conversa ou associação livre), por exemplo, o falante é quem fornece os estímulos para a emissão de *intraverbais*. Um *intraverbal* pode ser falado, escrito, ou gestualizado.

Definindo: um *intraverbal* é uma relação arbitrária entre uma resposta verbal e o estímulo verbal que a ocasiona (Skinner, 1957, p. 71). A arbitrariedade é dada pela comunidade verbal. Ela estabelece que partes de estímulos verbais em uma cadeia servem de discriminativos para a resposta verbal que as segue. Foi assim, por exemplo, que aprendemos a ordenar os números ou as letras do alfabeto, a respondermos “Tudo bem” após alguém perguntar “Como vai?”, a falar o nosso nome logo após a pergunta “Qual é o seu nome?”, ou escrevermos algo logo após a pergunta escrita “Quem foi B. F. Skinner?”. Note que a cadeia pode ser fortemente ou fracamente determinada, a ponto de definir respostas invariadas ou variadas. Em geral, muito do nosso cotidiano é marcado por cadeias *intraverbais* fracamente determinadas ou respostas muito variadas a certos estímulos verbais, de modo que um estímulo verbal atual pode apenas alterar a probabilidade da resposta que o segue sem determiná-la por completo (Catania, 1998).

- 4) Dizer “planeta” diante da palavra falada “planeta”; escrever PLANETA diante da palavra escrita PLANETA.

Diante de exemplos com propriedades semelhantes às destes, pergunte se há correspondência ponto-a-ponto e similaridade formal entre o estímulo verbal e a resposta verbal. Note, nestes exemplos, que há correspondência ponto-a-ponto entre o estímulo verbal e a resposta verbal, e há similaridade

formal entre ambos; ou seja, partes do estímulo correspondem formalmente a partes da resposta. Se, em outros exemplos, você discriminar essa similaridade, em seguida pergunte se o estímulo é vocal ou escrito e se o meio no qual estímulo e resposta ocorrem coincide ou não. Se o estímulo for vocal, tem-se um *ecóico*; se for escrito, tem-se um *transcritivo* do tipo *cópia*. Na relação ecóica, ambos, estímulo e resposta, ocorrem a partir de ondas sonoras; um estímulo vocal escutado é emitido na forma vocal. Na cópia, ambos ocorrem em superfícies; um estímulo gráfico escrito é copiado (escrito) também graficamente numa folha de papel, num quadro de giz, num cartaz, na areia da praia, e assim por diante.

Catania (1998, p. 411 e 428), partindo da proposição original de Skinner (1957), definiu paralelamente o ecóico e o transcritivo do tipo cópia: uma classe verbal formal na qual um estímulo verbal vocal (no caso do ecóico) ou escrito (no caso do transcritivo do tipo cópia) ocasiona uma resposta verbal correspondente, vocal (no ecóico) ou escrita (no transcritivo). A correspondência é arbitrária e é definida por uma relação de unidades verbais um-por-um (por exemplo, fonemas ou palavras, no caso do ecóico; ou letras ou palavras, no caso do transcritivo do tipo cópia) e não pela similaridade acústica (no caso do ecóico) ou pela similaridade de características visuais (no caso do transcritivo do tipo cópia). Assim um fonema pode ser duplicado pelo falante com uma acústica diferente ou uma palavra pode ser copiada sem uma completa similaridade com as características visuais do estímulo escrito. O que ocorre quando ecoamos uma palavra em uma língua estrangeira ilustra o primeiro caso e o que ocorre quando copiamos manualmente uma palavra digitada ilustra o segundo.

- 5) Dizer “planeta” diante da palavra escrita PLANETA; escrever PLANETA diante da palavra falada “planeta”.

Aqui você também deve perguntar acerca da correspondência ponto-a-ponto e da similaridade formal entre estímulo e resposta. Nestes casos, há correspondência (arbitrária) ponto-a-ponto entre o estímulo verbal e a resposta verbal, mas não há similaridade formal entre ambos. Os meios nos quais a resposta e o estímulo ocorrem são diferentes (ondas sonoras e superfícies, respectivamente). No primeiro caso, então, tem-se um *textual*, pois o estímulo é escrito (o texto) e a resposta é vocal (a leitura). No segundo caso, o estímulo é vocal (um ditado) e a resposta é motora-gráfica (escrita) e, por esta razão, tem-se um *transcritivo* do tipo *tomar ditado*. Tanto no textual quanto no tomar ditado há correspondência (arbitrária) ponto-a-ponto entre estímulo e resposta, não há similaridade formal entre ambos e os meios em que ocorrem são diferentes: um PLA escrito é lido com os fonemas /pla/; os fonemas ditados /pla/ são escritos como PLA.

Definindo: o comportamento textual e o comportamento transcritivo do tipo tomar ditado são classes verbais formais nas quais um estímulo verbal escrito (no caso do textual) ou vocal (no caso do tomar ditado) ocasionam uma resposta verbal correspondente, vocal (no caso do textual) ou escrita (no caso do tomar ditado). “A correspondência é definida por uma relação um-por-um de unidades verbais (por exemplo, letras ou palavras)” (Catania, 1998, p. 411 e 427).

Um lembrete importante: os mesmos exemplos dados anteriormente podem ser usados para ilustrar como uma mesma resposta pode ser classificada de diferentes maneiras a partir do controle de estímulo operando sobre ela. Além disso, os controles poderiam ser ambíguos. Por exemplo, num corredor de uma enfermaria, dizer “silêncio” diante de uma criança fazendo barulho, diante de um aviso na parede do qual há um aviso escrito SILÊNCIO e diante de uma criança quieta poderia ser, concomitantemente, um mando, um textual e um tato.

As relações verbais de ordem superior: os processos autoclíticos

Pode parecer que o “falante em si mesmo” tenha ficado ausente na explicação das relações verbais elementares acima, no sentido em que as variáveis controladoras dessas relações não permitem a análise da auto-observação do que está sendo falado, do como se fala ou do que se quer falar. Entretanto, existe um *sistema de relações verbais de ordem superior* que parece mostrar a presença do “falante em si mesmo”: alguém que dirige, organiza, avalia, seleciona e produz os operantes verbais (Skinner, 1957, p. 312). O falante é sempre o executor da verbalização - o verbalizador; em seu repertório verbal geral confluem um número múltiplo de variáveis, dentre elas, aquelas que explicam os arranjos especiais dos operantes verbais básicos: um sistema superior de relações verbais entre operantes básicos; um *processo autoclítico*. Assim Skinner (1957, p. 313) descreveu o processo autoclítico:

Parte do comportamento de um organismo torna-se, por sua vez, uma das variáveis que controla a outra parte. Há pelo menos dois sistemas de respostas, um baseado no outro. O nível superior só pode ser compreendido em termos de suas relações com o inferior. A noção de um eu interior constitui um esforço para representar o fato de que, quando o comportamento é composto dessa forma, o sistema superior parece guiar ou alterar o inferior. Mas o sistema de controle também é em si mesmo comportamento. O falante pode “saber o que está dizendo” no sentido de que “conhece” qualquer parte ou traço do ambiente. Parte do seu conhecimento (o ‘conhecido’) serve como variável no controle das outras partes (‘conhecendo’). Tais ‘atitudes propositivas’, como a asserção, a negação, a quantificação, o plano obtido por meio da revisão, da rejeição ou da emissão de respostas, a geração de certa quantidade de comportamento verbal apenas enquanto tal e as manipulações altamente complexas do pensamento verbal, todas elas, (...) podem ser analisadas em termos de comportamento, que é evocado por outro comportamento do falante e atua sobre ele.

Fica evidente neste trecho que o repertório

verbalizador e conseqüenciador são emitidos por um mesmo organismo (Skinner, 1957, p. 163). O falante emite respostas verbais que se constituem em estímulos para outras respostas suas, tal qual quando ouve e repete a si mesmo, ou lê o que acabou de escrever e edita o texto. Ecóicos, textuais ou intraverbais também podem depender de outros comportamentos verbais do falante, mas apenas os autoclíticos requerem a discriminação de propriedades do próprio comportamento do falante com a função de modificar os efeitos desses sobre o ouvinte (Catania, 1998) numa “atitude propositiva”. Nesse sentido, o autoclítico pode ser definido como *uma unidade verbal que ocorre praticamente junto com outros operantes básicos - dos quais depende a sua ocorrência - modificando os efeitos desses operantes básicos sobre o ouvinte*. Por exemplo, *Este texto* é diferente de *Esse texto*: ao modificar o tato *texto*, *esse* ou *este* produzem efeitos diferentes sobre um leitor especialmente treinado no português. Ambas as formas dependem do operante *texto*.

É importante lembrar que o processo relacional que define o autoclítico ocorre também com o comportamento não-verbal.

No sistema de Skinner, isto não representa problema, uma vez que processos relevantes são comuns ao comportamento verbal e não-verbal. O controle de um conjunto de respostas por outro, o qual constitui a essência da atividade autoclítica (Skinner, 1957) é comum a ambos (...). (Chandra, 1976, p. 67).

Assim, por exemplo, os passos ao caminhar seriam operantes básicos e a coordenação ou a velocidade dos passos seriam atividades que relacionam os passos entre si. Porém, o termo autoclítico é específico para essas atividades envolvendo operantes verbais.

Tipos de unidades autoclíticas verbais: como distingui-las

Topograficamente, as unidades verbais autoclíticas poderiam ser identificadas por tudo aquilo que dito sozinho não faz sentido, pois

dependem do que está sendo dito ou escrito. Algumas dessas unidades verbais podem encontrar classificação na gramática e parecem não ter sentido quando isoladas: “a” (artigo), “se” (conjunção), etc. Com frequência, unidades gramaticais específicas têm função autoclítica quando aparecem como operantes verbais e, por essa razão, a gramática nos ajuda a levantar hipóteses, a serem verificadas, sobre a função dessas unidades. Entretanto, todo cuidado é pouco. Mesmo que as classificações gramaticais sejam funcionais, no sentido de que um dos importantes critérios de identificação de suas unidades é o efeito que elas produzem no ouvinte, não é possível fazer uma correspondência taxativa entre unidades gramaticais e operantes verbais, por exemplo, dizendo que substantivos seriam tatos, que os imperativos seriam mandos ou que preposições ou artigos seriam unidades autoclíticas. Mesmo alertando para os problemas com a classificação gramatical, Skinner (1957) elencou muitas unidades verbais que poderiam ter função autoclítica: indicativos de modo e tempo verbal, voz ativa ou passiva, artigos, pronomes, conjunções, preposições, artigos, advérbios, etc. Inclui também prefixos, sufixos e verbos como *acho*, *é*, *penso*, *vejo*, *lembro*, *admito*, *sinto* (e muitos outros com função semelhante). Também incluiu a entonação, o fluxo, a ordem das palavras, o riso nervoso, a ironia e os gestos ao falar. De novo, é importante atentar para o controle de estímulo sobre a unidade verbal para classificá-la: por exemplo, “vejo” pode ser um tato, um autoclítico, um textual, etc.

Atento a esse tipo de controle, Skinner (1957) identificou e classificou seis unidades autoclíticas: *descritivos*, *qualificadores*, *quantificadores*, *manipulativos*, *relacionais* e *de composição*. Como, então, identificá-las e classificá-las num fragmento de registro verbal?

A análise de fragmentos de comportamento verbal de Skinner (1957, p. 349) e a hermenêutica comportamental de Willard Day (descrita por Dougher, 1993) podem ser empregados para identificar a função de

processos autoclíticos verbais (Borloti, 2003). O método de Skinner envolve o isolamento de segmentos de comportamentos verbais e a inferência (1) dos seus operantes essenciais, (2) dos elos temáticos intraverbais surgidos do encadeamento desses operantes essenciais e (3) da estrutura autoclítica que envolve esses operantes. A hermenêutica comportamental complementa o método de análise dos segmentos verbais da seguinte maneira: o pesquisador deve ouvir e ler várias vezes o registro verbal (sonoro ou transcrito) buscando ocorrências do comportamento de interesse e os eventos antecedentes que parecem estar funcionalmente relacionados a ele (por exemplo, a afirmação de uma opinião favorável ou desfavorável à adoção de crianças por homossexuais e as afirmações de outras pessoas). O pesquisador deve, em seguida, rever o dado para encontrar exemplos que confirmem a regularidade dessas relações. Depois, o pesquisador faz uma outra descrição funcional, só que do seu próprio comportamento ao conduzir o passo anterior, refinando as discriminações que fez. O terceiro passo envolve o agrupamento dos comportamentos de interesse em classes que compartilham funções comuns. O quarto passo é a descrição do comportamento de inferir do pesquisador, de modo a discriminar verbalmente quais amostras foram selecionadas e por quê (Dougher, 1993, p. 216-217).

Assim, por exemplo, se você está discriminando opiniões favoráveis à adoção por homossexuais em um registro transcrito ou sonoro de uma conversa entre estudantes, o seu comportamento como leitor ou ouvinte do registro é o alvo principal da análise, no sentido em que a interpretação do comportamento registrado é feita a partir dos efeitos que o registro tem sobre o seu comportamento. Parafraseando Skinner (1957, p. 452), isto pode ser dito assim: “quando nós estudamos [registros verbais], estudamos os efeitos dos registros (...) sobre nós (...). É o nosso comportamento em relação a tais registros o que nós observamos (...). Assim, a com

preensão do registro é o resultado de uma sutil distinção entre as variáveis que controlam o seu próprio comportamento como leitor ou ouvinte. Seguindo o método de Skinner (1957, p. 26 e 79), é importante ler o registro modulando a intensidade, a energia e a velocidade da leitura para que se possa inferir, desses indicadores de força, um conjunto plausível de condições determinantes. Esses indicadores de força podem ser checados ao se ouvir ou assistir ao registro auditivo ou visual do dado verbal e ao discutir suas discriminações com outros leitores ou ouvintes.

Alguns autoclíticos são impossíveis de serem transcritos (por exemplo, as entonações ou pausas), a não ser que você invente uma convenção de notações (por exemplo, medir pausas (5 seg.), indicar sons do riso (*hahaha*), indicar ênfases com sublinhado, etc.). Nesse caso, é importante uma reescuta da gravação durante a identificação. Comece pelo que é mais fácil de ser feito. Indique os operantes básicos emitidos pelo falante (geralmente, mas não necessariamente, os substantivos e os verbos - exceto *penso, acho, admito, é*, e outros com as funções autoclíticas descritivas ou qualificadoras descritas adiante). Em seguida, indique a unidade que os acompanha (em registros transcritos, inicialmente, apóie-se momentaneamente na gramática, pois é mais fácil identificar os artigos, pronomes, prefixos, sufixos, terminações de presente, passado ou futuro, ou vozes verbais, verbos de ligação, advérbios, e assim por diante, mas, em transcrições de registros auditivos é importante indicar também “o modo como se fala sobre o falar”, Matos, 1991, tal como aparece nas ênfases, nas ironias, ou em outros aspectos da entonação). Prepare-se para inúmeras leituras e escutas diferenciadas dos dados para identificar as unidades autoclíticas. Uma vez identificadas, comece a inferir suas funções, voltando e revendo os registros inúmeras vezes.

Claro está que as inferências de relações de controle que permitem a classificação dos

autoclíticos são suposições que, embora plausíveis, não são excludentes de outras que também seriam possíveis. Como ocorre com os mandos e tatos, os controles sobre os autoclíticos podem ser sutis gerando classificações que parecem ambíguas. A seguir é apresentada uma instrução de como distinguir unidades autoclíticas, seguida de alguns exemplos dados por Skinner (1957). Em seguida, há um exercício interpretativo de classificação que tenta capturar parte do controle sutil em exemplos de unidades autoclíticas obtidas do registro verbal de uma conversa entre estudantes sobre o tema polêmico “adoção de crianças por casais homossexuais”.

1) Uma vez que você tenha identificado uma unidade autoclítica a partir de sua definição funcional, observe se a unidade autoclítica identificada é uma discriminação dos próprios comportamentos do falante, controlada por propriedades das condições antecedentes que ocasionaram as respostas básicas ou elementares. Nesse caso, possivelmente, você estará diante de um autoclítico *descritivo*. Uma vez que os descritivos são discriminações de comportamentos do falante, Skinner (1957) achou conveniente chamá-los de “autoclíticos de tato” (as aspas servem para enfatizar a diferença entre eles e o tato propriamente dito). Ele identificou seis tipos de autoclíticos descritivos.

a) Para identificar um primeiro tipo de descritivo, verifique se a unidade que você identificou informa diretamente o ouvinte sobre o tipo de operante básico ou elementar que ela acompanha.

Veja alguns dos exemplos de Skinner (1957): “se um falante está lendo um jornal e observa *Vejo que vai chover*, este *Vejo* informa ao ouvinte que *vai chover* é emitido como uma resposta textual” (p. 315). *Eu exijo...* informa a emissão de um mando; *Eu me lembro...* pode indicar um intraverbal. A seguir há um exem-

plo obtido na conversa entre estudantes:

“Eu *imagino* que em um ambiente assim [uma família homossexual], a divisão de tarefas é muito mais equilibrada: o ambiente que eles formam não é representado da mesma forma que no casal heterossexual da nossa sociedade patriarcal, machista, que concentra o poder na figura do homem.” (aluno de Ciências Sociais).

Observe neste exemplo que o aluno informa ao ouvinte aquilo que ele (o aluno) acredita. *Imagino* parece informar diretamente o ouvinte sobre o que é o ambiente de uma família homossexual. De fato trata-se de um intraverbal, pois o ambiente não está presente. O operante essencial ambiente é acompanhado pela descrição do comportamento verbal do aluno como parte da descrição que é informada diretamente ao ouvinte. A entonação, indicada pelos dois pontos que dividem o registro, e pela ênfase posta no *não é*, informa que os elos intraverbais *casal-heterossexual-sociedade-patriarcal-machista-concentr[a]-poder-figura-homem* são apresentados como se fossem fatos (Guerin, 1994) parecendo aumentar o poder de convencimento naquilo que é dito, como se o falante falasse de algo real (no sentido de presente). O fato de este aluno ser militante de movimento social dá uma peculiaridade à dinâmica da sua fala em outros momentos do seu registro vocal, permitindo inferir que *imagino* não tem a mesma fraqueza que *acho*, e pode ser substituído por *considero*, *vejo*, *observo* ou *acredito*, uma vez que parece ter sido fortemente condicionada pela sua comunidade verbal.

- b) Para identificar um segundo tipo de descritivo, leia várias vezes o segmento do registro verbal e tente discriminar se a unidade descreve o estado de força de emissão do operante básico que ela acompanha.

Nos exemplos de Skinner (1957),

[As unidades] *Julgo*, *Calculo*, *Creio*, *Imagino* e *Suponho*, todas indicam que a resposta que se seguirá baseia-se numa estimulação insuficiente

ou foi pobremente condicionada. *Não posso dizer*, *Hesito dizer*, *Desejo acrescentar* sugerem outras fontes de fraqueza. *Proponho*, *Sugiro*, *Suponho* revelam a natureza experimental da resposta que se segue (p. 315).

Relação de controle semelhante, indicando fraqueza, apareceu na conversa entre os estudantes. Ao ser perguntado se concordava ou não com a afirmação de que o mais importante quando se adota uma criança é a responsabilidade de cuidar dela, e não a orientação sexual dos pais adotivos, um aluno respondeu: “Eu *acho* complicado falar de situações em que eu não estive próximo.” (aluno da Psicologia).

Neste caso, possivelmente, o falante está indicando que sua resposta foi pobremente condicionada pela sua comunidade, uma vez que não esteve diante de estímulos discriminativos não-verbais a serem tateados, ou unidades verbais a serem combinados em cadeias intraverbais convincentes. Neste segmento de registro, o *Acho*, como disse Skinner (1957, p. 315), parece tornar o efeito daquilo que está para ser dito mais preciso, permitindo que o ouvinte avalie de forma mais apropriada a opinião do aluno, por esta ter sido pobremente condicionada (para que você confirme esta inferência, veja como o aluno continuou seu discurso: “*Eu já me vi muitas vezes teorizando alguma coisa (...) e depois (...) quando eu tive que agir em relação àquilo, eu agi completamente diferente. (...). Mas (né?), teorizando (né?), eu acho... eu não vejo problema se a intenção das pessoas está sendo cuidar de uma criança.*”).

- c) Para identificar um terceiro tipo de descritivo, selecione a unidade que você quer classificar e verifique se ela descreve relações entre uma resposta verbal básica e outra, do próprio falante ou do ouvinte, ou relações entre essa resposta básica ou elementar e outras circunstâncias sob as quais ela é emitida.

Nas conversas entre os estudantes não foram identificadas unidades que exemplificariam este grupo de descritivo. Entretanto, Skinner (1957) deu alguns exemplos que considerou importantes e os analisou:

Eu Concordo, Confesso, Espero, Concedo, Infiro, Prevejo, Ouso dizer, Devo dizer, Posso dizer, Replico, Eu diria e Eu quero dizer. Todos esses exemplos permitem que o ouvinte relacione a resposta que se segue a outros aspectos da situação em curso e, por isso, permitem que o ouvinte reaja a ela de forma mais eficiente e bem-sucedida. (p.316).

d) Você poderá identificar um quarto tipo de descritivo se a leitura do segmento permitir discriminar que o descritivo indica uma condição emocional ou motivacional do falante ao emitir o operante básico.

Também não foram identificadas, nas conversas entre os estudantes, unidades autoclíticas deste tipo. Skinner (1957, p. 316) apresentou alguns exemplos: “*Eu fico feliz em dizer que...*”, “*Sinto muito informar que...*”, por exemplo, “afetam o ouvinte não tanto modificando sua reação à resposta que acompanham quanto enfatizando sua relação pessoal com o falante.” (Skinner, 1957, p. 316)

e) Um quinto tipo de *descritivo* será identificado se você discriminar que o mesmo qualifica ou cancela a resposta básica que ele acompanha.

Skinner (1957) disse que essas unidades verbais são fortes porque se baseiam em operantes básicos produzidos por outrem.

Alguns autoclíticos sugerem que a resposta que eles acompanham não é forte, mas apenas exagerada. Por exemplo, *Eu não chegaria ao ponto de dizer...*, *Eu não o chamaria (de...)*, *Eu não digo (que seja sério)*. A referência a outras fontes de resposta é mais explícita em *Eu não me lembro* e *Eu não admitiria*. (p.317).

Eis um segmento do registro verbal da conversa entre os estudantes da Psicologia. O mediador iniciou a conversa com a pergunta “O

que vocês pensam disso [da adoção de crianças por homossexuais]?”. Um aluno respondeu: “*Eu não vejo problema nenhum em relação a isso [adoção por homossexuais]. O importante é que cuide. Cuidando bem, dando carinho, principalmente, eu não vejo problema mesmo.*” (aluno da Psicologia).

Neste caso, fica clara a colocação de Skinner (1957): o falante antecipou que outros falantes (generalizados) pensam que a adoção por homossexuais seja um problema. O falante discorda da existência de um problema em relação à questão. A resposta é fortalecida pelo cancelamento da existência de um *problema* na questão “produzida por outrem” e pelo autoclítico *mesmo* (incluindo a entoação).

f) Você estará diante de um sexto tipo de descritivo se discriminar que a unidade parece indicar ao ouvinte que o que está para ser dito deverá produzir o mesmo efeito que (ou ter relação subordinada com) o que acabou de ser dito a partir dos operantes básicos; verifique também se a unidade parecer indicar que o que está sendo dito é dito pelo falante, se ela parece antecipar o comportamento do ouvinte ou indicar que o que está sendo dito é aceito pelo ouvinte e pelas pessoas em geral.

Skinner (1957, p. 318) deu exemplos de unidades que indicam que a resposta está sendo emitida. Por exemplo, *Eu digo, meu amigo, que...* é mais do que um mando para o ouvinte, pois é um aviso de que algo será dito. O mesmo ocorre em *Em minha maneira de pensar...* Já *Como minha mulher sempre diz...* indica algo com uma maior probabilidade de aceitação. *Deixa eu dizer...* indica a referência do falante ao ouvinte. *Espero que você não pense...* ou *Talvez você não concorde...* são formas de antecipação do comportamento do ouvinte.

Veja, a seguir, na continuação do registro verbal da conversa entre os estudantes, o modo como a unidade autoclítica em destaque parece “ajeitar” o que foi dito, mantendo o

mesmo afeito do que acabou de ser dito antes da emissão da unidade: “Eles [os homossexuais] pensam diferente... Eu acho que é muito mais equilibrada a forma como se dá a divisão do poder. Talvez as coisas não se concentrem na figura de uma pessoa que detém o poder, eu digo assim, dos pais da criança, os pais homossexuais.” (aluno de Ciências Sociais).

2) Se você descartar a possibilidade de uma função descritiva, observe se a unidade autoclítica identificada está qualificando o operante básico que ela acompanha de tal modo que a intensidade ou a direção do comportamento do ouvinte parece ser modificada. Se este for o caso, você pode estar diante de um autoclítico *qualificador* ou “autoclítico de mando”. Skinner (1957) identificou dois tipos de qualificadores:

✍ os qualificadores de *negação*

Um exemplo de qualificador de negação foi emitido na conversa entre os estudantes de ciências sociais. Após o mediador verbalizar “Vou dar uma resumida no que vocês falaram (...) ...de certa maneira, vocês estão se colocando de uma maneira favorável à adoção. Não é aquela coisa assim: ‘Ah, eu sou super a favor’, mas vocês estão assim: ‘Não tenho nada contra’” um aluno respondeu: “Na verdade tem muita gente que diz: ‘ah, eu não sou homossexual, mas eu não tenho nada contra’. Não é essa nossa postura.” (aluno de Ciências Sociais)

Neste exemplo, é possível discriminar uma função de mando “que especifica a cessação do comportamento [verbal e] não-verbal por parte do ouvinte” (Skinner, 1957, p. 323), ou seja, é possível inferir que o falante quis dizer “não diga o que muita gente diz. E estamos repetindo para que você se lembre de não dizer”. É possível, também, inferir uma qualificação negativa do que foi dito pelo mediador e, ao mesmo tempo, uma tentativa do falante de mudar a direção do comportamento do mediador. O aluno parece discriminar também o seu comportamento não-verbal, cor-

relacionando-o ao discurso favorável e desfavorável à adoção de crianças por homossexuais. Neste caso, é possível que *postura* seja um tato das propriedades não-verbais de sua relação aos direitos sociais dos homossexuais, descrita pelas unidades verbais que se seguem no seu discurso (isso pode ser inferido do restante do registro transcrita no item seguinte).

✍ os qualificadores de *asserção*.

Mesmo aluno do exemplo anterior: “Na verdade a gente é super a favor. Na verdade tem muita gente que diz: ‘ah, eu não sou homossexual, mas eu não tenho nada contra’. Não é essa nossa postura. É uma postura de lutar junto com os homossexuais pela adoção, entendeu?” Outro aluno: “Concordo.” (alunos de Ciências Sociais). Aqui, neste episódio verbal, vê-se claramente que a asserção destaca, com a função de *é*, a declaração que acabou de ser emitida. Segundo Skinner (1957, p. 327) o controle sobre o *concordo* parece ser múltiplo: a resposta pode ter a função específica de indicar que a resposta é emitida como um tato (da própria opinião concordante em si mesma) ou como um intraverbal (dos elos temáticos que constituem a opinião concordante). Em qualquer caso, o segundo aluno reforça a direção do argumento apresentado pelo primeiro.

3) Observe se a unidade autoclítica identificada é uma abreviação de uma forma verbal que anteriormente teria um efeito de mando mais prontamente identificável sobre o ouvinte em relação aos operantes básicos. Se essa unidade abreviada parecer instruir o ouvinte a arranjar e relacionar suas reações aos operantes básicos de um modo julgado apropriado pelo falante, você estará discriminando um autoclítico *manipulativo* ou “autoclítico de mando”.

Skinner (1957, p. 341-342) citou como exemplos de unidades manipulativas a abreviação *but* [“mas”] do inglês, que há muito tempo

atrás, segundo Tooke (1857, citado por Skinner, 1957), era desabreviada como *be out* ["fique fora"]. Outros exemplos citados do inglês incluem o *and* ["e"], que teria relação com *to add* [adicionar] e o *if* ["se"] que remeteria a *to give* ["dar"]. Talvez valesse a pena comparar a origem dos autoclíticos manipulativos do português para verificar se a tradução corresponde a uma origem semelhante.

Entretanto, um sentido para a manipulação pode ser inferido da análise de segmentos verbais. Um exemplo de relação verbal com função semelhante no registro da conversa entre os estudantes foi emitido pelo mesmo participante citado anteriormente. Quando perguntado se concordava que a questão principal era a adoção da criança e não a orientação sexual de quem a adota, o aluno respondeu: "Eu acho complicado falar de situações em que eu não estive próximo. (...). Eu já me vi muitas vezes teorizando alguma coisa (...) e depois (...) quando eu tive que agir em relação àquilo, eu agi completamente diferente. (...). **Mas** (né?), teorizando (né?), eu acho... eu não vejo problema **se** a intenção das pessoas está sendo cuidar de uma criança."

Uma leitura modulada da afirmação acima permite inferir o controle manipulativo por parte do falante. Assim, é possível discriminar que ele parece se justificar de um modo enfraquecido (*eu acho*) e a justificativa é somada (*mas=mais*) à sua afirmativa mais forte, sobre a qual ele pretende posicionar a opinião do ouvinte de modo a "ficar fora" do que foi falado de forma fraca. A afirmativa mais forte é apresentada como um "dado" que é indicado pela unidade autoclítica manipulativa *se*.

4) Infira se a unidade afeta o ouvinte por indicar, ou propriedades relativas a quantidades do operante básico emitido pelo falante, ou as circunstâncias responsáveis por aquelas propriedades relativas a quantidades. Se isto parece ocorrer, você poderá classificar a unidade como um autoclítico

quantificador; também, claramente, um "autoclítico de tato".

Os exemplos dados por Skinner (1957, p. 329-330) incluem *Todos, Sempre, Nunca, Algum, Um pouco, Um, O e A, Quase e Talvez* para indicar este tipo de relação de controle autoclítico que tateia quantidades em certos operantes elementares. É possível inferir este tipo de relação em um momento da conversa entre os estudantes de psicologia.

O mediador citou um exemplo de um homossexual que era casado e tinha um filho, que se separou, quis a guarda do filho. A avó da criança (a mãe da mãe do menino) disse ser contra, pois o neto dela não poderia viver na promiscuidade e que a convivência com o pai seria uma situação de risco. Após o exemplo, um aluno respondeu: "Pai que abusa de filho não é difícil não. É normal mesmo". Logo depois, um aluno respondeu: "(...) Todos esses problemas também acontecem nas famílias tradicionais: pai, mãe, irmão, irmã". Em seguida um outro complementou: "De repente, [o abuso sexual] até aconteça com **mais, muito mais** frequência, de maneira até **muito mais** absurda [nas famílias heterossexuais]." (alunos da Psicologia)

Observe que as propriedades *frequência* e *absurda* do operante essencial *abuso sexual* são modificadas de modo quantitativo pelos autoclíticos que as antecedem, modificando toda a sentença e, assim, seu efeito sobre o ouvinte. A função de tato parece estar no fato de houve a discriminação da propriedade relativa à quantidade no comportamento verbal do falante, tornando útil a acentuação dessa propriedade na verbalização do falante precedente (Skinner, 1957, p. 330).

5) Discrimine se a unidade parece ser controlada pelas relações entre operantes básicos e se parece ser reforçada pela probabilidade de o ouvinte se comportar de um modo particular, de acordo com a descrição de tais relações. Se isto parece ocorrer, você pode estar diante de um autoclítico *relacional*. Se ao autoclítico relacional for

adicionado um autoclítico qualificador de asserção, combinam-se as funções de am-bos num tipo especial de relacional que Skinner chamou de *predicação*.

Os exemplos de Skinner (1957, p. 333-340) incluem as unidades que indicam “concordância” de gênero, número e grau que, funcionalmente, indicam propriedades dos objetos descritos em relação a outros objetos do ambiente. *Corre* e *Correm*, por exemplo, contém dois tatos mínimos (“-e” e “-em”) de propriedades de singularidade e pluralidade; os tatos mínimos em menino e menina (“-o” e “-a”) indicam propriedades de gênero. Este tipo de relação aparece no exemplo citado anteriormente: “(...) *Todos esses problemas [abuso sexual] também acontecem nas famílias tradicionais: pai, mãe, irmão, irmãã*” (aluno de Psicologia).

Um exemplo de predicação pode ser extraído do registro da conversa entre os estudantes de ciências sociais, e apresentado anteriormente: “[*Nossa postura*] É *uma postura de lutar junto com os homossexuais pela adoção, entendeu?*” (aluno de Ciências Sociais).

Note, no exemplo acima, que há uma função relacional unindo os operantes *nossa postura* e *postura de lutar junto*. Esta junção é combinada com uma asserção que parece tentar mudar a direção do comportamento verbal do ouvinte para a “bandeira de luta” do falante. O autoclítico *entendeu?* parece ter função de mando nesta mesma direção.

- 6) Uma outra possibilidade é você discriminar que a unidade parece instruir o ouvinte a compor um comportamento verbal com propriedades específicas a partir dos operantes básicos ou elementares. Se a unidade parece produzir este efeito, você poderá classificar essa unidade como um autoclítico *de composição*.

Como não foi possível discriminar tais unidades nas conversas dos alunos, vejamos os exemplos de Skinner (1957). *Vice-versa*, por

exemplo, implica numa mudança de ordem, *Ambos* implica numa combinação, *E assim por diante* manda que o leitor acrescente respostas à vontade, *Tomemos a Inglaterra, por exemplo,...* manda um tipo de reação a um assunto novo, *Por outro lado* “obriga o ouvinte a combinar ou compor as respostas separadas que o precederam numa sentença ou frase adicional” preparando-o “para uma resposta contrária” (p. 355).

Considerações finais

Este texto pode servir de instrução para a identificação de controles mais simples de operantes verbais de primeira ordem e de ordem superior (autoclíticos). Entretanto, é importante enfatizar que as categorias de operantes básicos e de autoclíticos geralmente apresentam controles sutis.

Nas relações de mando, por exemplo, se não houver uma correspondência convencional entre resposta e reforçador, diz-se que o mando é estendido; o mando pode “driblar” a consequência punitiva do mandar diretamente. Assim, por exemplo, “você poderia fazer silêncio” é um mando *disfarçado* do mando puro “cale a boca”. Um mando também pode ser reforçado acidentalmente: “venha seis” pode ser, por isso, um mando *supersticioso*. E ainda, um mando pode ter um reforçamento impossível: “gostaria de ganhar na loteria” é um mando *mágico*, pois jamais será reforçado se o falante nunca apostar.

Quando um tato for puro e, sob controle de uma única propriedade do estímulo, for repetidamente reforçado, tem-se uma *abstração* (“vermelho” ou “grande”, por exemplo). Um tato também pode ser estendido. Se estiver sob controle de uma propriedade colateral do estímulo e for uma resposta “correta” e útil à comunidade verbal, tem-se um tato *genérico* (responder “cadeira” a um novo tipo de cadeira nunca visto antes); se estiver sob controle de uma propriedade adventícia e ser uma resposta “incorreta”, porém útil à comunidade, tem-se um tato *metafórico* (res-

ponder “luz” diante do amor da sua vida); se estiver sob controle de um estímulo contíguo, tem-se um tato *metonímico* (dizer “o congresso aprovou o salário mínimo” diante da apuração dos votos dos deputados decidindo o valor do salário); se estiver sob controle de um estímulo relacionado à resposta apenas de maneira distante, de forma a não perturbar seriamente o ouvinte, tem-se um tato *solecista* (no exemplo de Skinner, 1957, p. 102, dizer *exequível* diante de uma ação meramente possível).

Ainda, as relações de controle que definem tatos e mandos podem fundir-se num controle múltiplo, o que torna ambígua a sua classificação. No tato *impuro* o mando parece estar disfarçado de tato, como no exemplo anterior da criança faminta dizendo “leite” diante da

caixa de leite; ou quando um homem deitado embaixo de um edredon e, em falando ao telefone com a namorada, diz: “Meu edredon está tão cheiroso”. Já no tato *distorcido* o falante “alonga e exagera os fatos”; o controle do estímulo é inventado (Skinner, 1957, p. 149).

Em suma, “o controle de estímulo nunca é perfeito” e é provável que ecóicos, textuais e intraverbais possam alterar-se do mesmo modo (Skinner, 1957, p. 147). A classificação dos autoclíticos em “de tatos” e “de mandos” indica que o controle múltiplo pode também estar atuando sobre eles. Analisar controles sob respostas verbais, portanto, exige muito estudo e treinamento do analista de comportamento na classificação de relações verbais.

Questões de estudo

1) Classifique as seguintes relações verbais elementares usando as letras M (mando), T (tato), I (intraverbal), E (ecóico), TX (textual) e TR (transcritivo) [as aspas nas variáveis controladoras indicam um estímulo verbal escrito ou vocal]:

- () Dizer “caranguejo” ouvindo “mangue”.
- () Dizer “velocidade” ouvindo um carro freando bruscamente.
- () Escrever “autoclítico” vendo “autoclítico”.
- () Gesticular “vem cá” querendo que alguém se aproxime de você.
- () Dizer “maçã” ouvindo “maçã”.
- () Dizer “combustível” sentindo cheiro de gasolina.
- () Dizer “formiga” vendo “formiga”.
- () Escrever “4” ouvindo “quanto é dois mais dois?”
- () Dizer “formiga” vendo “inseto”.

2) Faça um diagrama ou um quadro resumindo as relações verbais elementares.

3) Dê seus próprios exemplos de processos não-verbais análogos aos autoclíticos.

4) Qual é a função do processo autoclítico verbal?

5) Explique por que se diz que os autoclíticos são dependentes dos operantes verbais elementares.

6) Na sentença “A questão 6 do estudo é fácil” identifique e classifique três funções autoclíticas em termos do controle operando sobre elas.

7) Como a asserção e a predicação diferem?

8) Dê seus próprios exemplos de cada tipo e subtipo de autoclítico explicitando as variáveis do contexto.

9) Explique a afirmação de Skinner (1957, p. 147): “o controle de estímulo [atuando sobre o comportamento verbal] nunca é perfeito”.

Referências

- Barros, R. da S. (2003). Uma introdução ao comportamento verbal. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 5 (1), 73-82.
- Baum, W. (1999). *Compreender o Behaviorismo: ciência, comportamento e cultura*. Tradução de M. T. A. Silva, M. A. Matos, G. Y. Tomanari e E. Z. Tourinho. Porto Alegre: Artes Médicas. (trabalho original publicado em 1994).
- Borloti, E. (2003). *O discurso de Skinner: uma análise funcional do citar no Verbal Behavior*. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo SP.
- Borloti, E. (2004). Comportamento verbal em movimentos sociais: estratégias de inclusão. Em L. Souza e Z. A. Trindade (Org's). *Violência e Exclusão: convivendo com paradoxos* (176-194). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Catania, A. C. (1998). The taxonomy of verbal behavior. In K. A. Lattal and M. Perone. *Handbook of Research Methods in Human Operant Behavior* (405-433). New York: plenum Press.
- Chandra, S. (1976). Repression, dreaming and primary process thinking: Skinnerian formulations of some Freudian facts. *Behaviorism*, 4, 53-75.
- Day, W. F. (1980). Some comments on the book *Verbal Behavior*. *Behaviorism*, 8, 165-173.
- Dougher, M. J. (1993). Interpretative and hermeneutic research methods in the contextualistic analysis of verbal behavior. In S. C. Hayes, H. W. Reese, and T. R. Sarbin (Eds.). *Varieties of Scientific Contextualism* (147-159). Reno, NV: Context Press.
- Guerin, B. (1994). Attitudes and beliefs as verbal behavior. *The Behavior Analyst*, 17, 155-163.
- Michael, J. (1982). Skinner's elementary verbal relations: some new categories. *The Analysis of Verbal Behavior*, 1, 1-3.
- Matos, M. A. (1991). As categorias formais de comportamento verbal de Skinner. Em M. A. Matos, D. das G. Souza, R. Gorayeb, R. e V, R. L. Otero (org's). *Anais da XXI Reunião Anual de Psicologia*, Ribeirão Preto, SP: SBP, 333-341.
- Michael, J. (1988). Establishing operations and the mand. *The Analysis of Verbal Behavior*, 6, 3-9.
- Neimark, E. D. (1960). Review of *Verbal Behavior*. *Psychological Record*, 10, 63-66.
- Parrot, L. J. (1984). Listening and understanding. *The Behavior Analyst*, 7, 29-39.
- Passos, M. L. R. F. (2003) A análise funcional do comportamento verbal em *Verbal Behavior* (1957) de B. F. Skinner. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 5 (2), 195-213.
- Ribeiro, A. F. (2004). O que é comportamento verbal. Em C. E. Costa, Luzia, J. C. Luzia e H. H. N. Sant'Anna (org's.). *Primeiros Passos em Análise do Comportamento e Cognição* (67-76). Santo André: ESETec.
- Skinner, B. F. (1957). *Verbal Behavior*. New York: Appleton-Century-Crofts.
- Terrell, J. D. and Johnston, J. M. (1989). Logic, reasoning, and verbal behavior. *The Behavior Analyst*, 12, 35-44.
- Vargas, E. A. (1986). Intraverbal behavior. In Chase, P. N. Chase and L. J. Parrot. *Psychological Aspects of Language* (128-151). Springfield: ILL.
- Vargas, E. A. (1991). Verbal behavior: a four-term contingency relation. In W. Ishaq. *Human Behavior in Today's World* (99-108). New York: Praeger.

Recebido em: 01/09/04

Primeira decisão editorial em: 07/11/04

Versão final em: 16/11/04

Aceito em: 07/12/04